

AVISO AO USUÁRIO

A digitalização e submissão deste trabalho monográfico ao *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia* foi realizada no âmbito do Projeto *Historiografia e pesquisa discente: as monografias dos graduandos em História da UFU*, referente ao EDITAL Nº 001/2016 PROGRAD/DIREN/UFU (<https://monografiashistoriaufu.wordpress.com>).

O projeto visa à digitalização, catalogação e disponibilização online das monografias dos discentes do Curso de História da UFU que fazem parte do acervo do Centro de Documentação e Pesquisa em História do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia (CDHIS/INHIS/UFU).

O conteúdo das obras é de responsabilidade exclusiva dos seus autores, a quem pertencem os direitos autorais. Reserva-se ao autor (ou detentor dos direitos), a prerrogativa de solicitar, a qualquer tempo, a retirada de seu trabalho monográfico do *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia*. Para tanto, o autor deverá entrar em contato com o responsável pelo repositório através do e-mail recursoscontinuos@dirbi.ufu.br.

Universidade Federal de Uberlândia
Centro de Ciências Humanas e Artes
Departamento de História

Vanusa Alves Viana Fernandes

O Feminismo Anarquista de Maria Lacerda de Moura

LABORATÓRIO DE ENSINO E APRENDIZAGEM DE HISTÓRIA - UFU	
N.º	1179
Data	24/10/96

Trabalho final exigido na disciplina História do Brasil VII, sob a orientação da professora Christina Lopreato

889

Dezembro/1995

Dedico este trabalho à professora Crhistina Lopreato, pelo muito que colaborou para que se tornasse realidade, e porque reconheço nela o tipo de mulher de quem Maria Lacerda fala. Também, à minha filha Ana Cecília, que, espero, possa se instruir com os princípios aqui contidos e ao meu marido Antonio que destoa em meio a tantos machistas de seu tempo.

V A N U S A

ÍNDICE

Introdução	Pag. 03
A Educação Libertária como solução para os problemas da mulher	Pag. 06
O Posicionamento de Maria Lacerda sobre o O Amor Plural	Pag. 11
Conclusão	Pag. 13
Referências Bibliográficas	Pag. 15

LABORATÓRIO DE ENSINO E APRENDIZAGEM DE HISTÓRIA - UFU	
N.º	1179
Data	24/10-1986

Introdução

O Feminismo Anarquista de Maria Lacerda de Moura

Em função do fato de que esta monografia irá tratar da trajetória intelectual e das práticas militantes de Maria Lacerda de Moura, faz-se necessário esclarecer quem foi esta mulher e contextualizá-la, para a seguir abordar suas obras, idéias e bases filosóficas.

Maria Lacerda nasceu dia 16 de maio de 1887, na Fazenda Monte Alverne (então província de Minas Gerais). Aos quatro anos de idade mudou com a família para Barbacena (1891). Seu pai, Modesto de Araujo Lacerda, era oficial do Cartório de Orfãos e sua mãe, Amélia de Araujo Lacerda era doceira. Em função da profissão do pai, ela foi alfabetizada no Externato de Freiras do Asilo de Orfãos. Aos doze anos, matriculou-se na Escola Normal do Município, tendo se formado aos dezesseis anos.

Em 1905, aos dezesseis anos, casou-se com Carlos Ferreira de Moura; não teve filhos, porém adotou Jair em 1912. Em 1908, retornou à profissão de professora e já em 1912 era uma brilhante jornalista e, como tal, neste ano participou de campanhas de alfabetização em Barbacena.

A partir de 1918, lança crônicas e profere palestras que a projeta em São Paulo, Rio de Janeiro e Santos. A partir de então, se desliga de Barbacena e parte para São Paulo e Rio de Janeiro, onde se aproxima do movimento anarquista e de associações feministas e femininas, e inicia suas reflexões sobre a teoria libertária. Porém, em relação ao movimento feminista, constata que este lutava pró direito ao sufrágio universal feminino, o que de acordo com suas idéias não encaminharia a sociedade rumo a uma vida mais digna.

Entre 1928 e 1937, portanto dos 41 aos 50 anos, viveu em Guararema (comunidade alternativa no interior de São Paulo), sendo este o período em que mais produziu. As obras desta época serão objeto de análise desse trabalho.

Em 1937, Getúlio Vargas faz forte repressão em Guararema e Maria Lacerda retorna a Barbacena como professora. Porém não se adapta mais à vida e mentalidade interiorana e muda para o Rio em 1938, após uma trajetória intelectual brilhante, e uma vida pautada pela militância e resistência à opressão, Maria Lacerda faleceu em seu apartamento na Ilha do Governador, em 20 de março de 1945, aos 58 anos, sem presenciar o fim da II Guerra Mundial, pelo qual tanto lutou.

Maria Lacerda dedicou a maior parte de sua vida em militância a favor da liberdade incondicional do ser humano. Nesta trajetória, abordou em suas obras temas como maternidade e trabalho, fascismo, clero e autoritarismo, educação, igualdade intelectual entre homens e mulheres, anarquismo, belicismo. Era visível sua preocupação com a liberdade do ser humano e, sobretudo, da mulher.

Através de leituras das obras da autora, pode-se constatar que a mesma era feminista, anticlerical, antibelicista e anarquista, para defini-la em poucas palavras, pois, na verdade, dentro de cada um destes temas Maria Lacerda tratou de inúmeras outros assuntos referentes a liberdade total do ser humano.

Maria Lacerda, enquanto libertária, percebia que a humanidade não era livre, pois vivia sob o julgo do Estado, do clero, e de um sistema judiciário injusto, além de ser vítima do capitalismo brutal.

Em suas obras e militância, ela tratou dos temas acima citados em relação ao ser humano, mas sempre dedicou especial atenção à mulher que, além de ser oprimida enquanto ser humano, era vítima de uma sociedade machista.

A escritora sempre defendeu a igualdade judicial e intelectual entre homens e mulheres, sugerindo que estas últimas se livrassem das amarras da ignorância e do servilismo e se aprimorassem intelectualmente para ingressar no mercado de trabalho, pois ser esposa e mãe é uma situação, uma opção, mas não uma profissão.

Estudiosa e observadora que era, percebeu que, no período entre-guerras a mulher estava sendo mais “procurada” profissionalmente, porém, na realidade estava sendo vítima juntamente com seus filhos da exploração capitalista.

A crescente industrialização do período entre guerras usou e explorou a mão-de-obra infantil e feminina. O que aos olhos desavisados parecia uma ascensão da mulher no campo profissional, aos olhos críticos de Maria Lacerda era uma forma de desvalorizar a mulher e o ser humano de forma geral. As péssimas condições de trabalho, as jornadas abusivas, a desigualdade salarial em relação aos homens e inúmeras discriminações faziam parte do projeto de urbanização e de industrialização daquele período.

No campo religioso, Maria Lacerda foi educada dentro dos princípios espíritas. Seu pai era anticlerical e ela também. A escritora mística, pertenceu durante muito tempo à Ordem Mística Rosa Cruz, tendo se desligado por constatar que certos dirigentes desta ordem estavam comprometidos com o fascismo, o que para ela era inadmissível, uma vez que era antifascista e antibelicista.

Sua postura anticlerical e antifascista se prendia ao fato de que, ao seu ver, o clero era um dos responsáveis pela educação discriminatória conferida à mulher e o fascismo e as guerras eram elementos que distanciavam, ainda mais, o ser humano da paz, de um encontro consigo mesmo, de viver plenamente sua liberdade e individualidade.

Durante o período de sua militância, o movimento feminista estava se estruturando, Maria Lacerda chegou a se aproximar de vários segmentos deste movimento. Porém, ao constatar que certas feministas como Bertha Lutz lutava pelo direito ao sufrágio feminino, se distanciou deste movimento.

Maria Lacerda logo percebeu que de acordo com seus princípios e sua visão libertária, não se tratava de igualar a mulher, nivelando-a com o homem em um campo opressor como a política e o Estado. Tratava-se sim de extinguir o Estado. Portanto, a luta pró-direito do sufrágio feminino era um retrocesso.

Percebe-se que, Maria Lacerda foi uma mulher muito culta. Portanto, faz-se necessário destacar aqui alguns teóricos e práticos que lhe conferiram base filosófica.

Primeiramente, a educação familiar, de caráter crítico e anticlerical, inclusive com leituras e tradução de Lachatare (um grande anticlerical), posteriormente leituras e reflexões sobre as obras de Leon Tolstoy, Mahatman Gandhi, Maria Montessori, Paul Robin, Francisco Ferrer, Romain Rolland, Han Ryner, Reclus, Kropotkin, entre outros, além do convívio com inúmeros anarquistas brasileiros como José Otílica, Rodolfo Felipe, Osvaldo (José) Salgueiro e Diamantino Augusto entre outros.

A educação libertária como solução para os problemas da mulher

Maria Lacerda pode ser considerada uma militante de expressão na luta pela emancipação feminina, sobretudo porque sua luta ultrapassou as questões do sufrágio feminino e equiparação salarial em relação ao homem.

A análise que Maria Lacerda faz do processo de submissão em que a mulher vem sofrendo ao longo dos anos remonta à questão da educação feminina no decorrer da história.

Durante toda a história da humanidade, a mulher vem sendo educada para um propósito: Ser servil, submissa e reprodutora, e para que a mulher introjetasse estes valores ou melhor dizendo, estas funções, a educação feminina ditada pelo clero e pela família moldava na mulher um perfil delicado, onde esta estaria mais preparada para a arte, os afazeres manuais, a criação dos filhos, as obras de caridade e nunca para as tarefas intelectuais e profissionais.

Por outro lado, a grande missão da mulher, dentro da ótica machista é ser mãe. Pois bem, Maria Lacerda concorda que ser mãe é um privilégio; porém, é uma situação e não uma profissão, de forma que seria injusto para com os filhos fazer uso do discurso machista, onde a mãe aparece como vítima que atrofiou sua intelectualidade e uma correria profissional para cuidar do bem estar e educação dos filhos. Para Maria Lacerda, as duas coisas são perfeitamente compatíveis.

Em 15 de junho de 1922, Maria Lacerda escreveu em O Corynbo (jornal quinzenal do Rio Grande do Sul) "A mulher patricia não pode penetrar os arcanos da questão, na sua maioria escrava da religião, dos trapos, das jóias, dos bombons e dos salários, não pode pensar, senão pela cartilha dos dogmas, dos modistas, das vitrinas e da luta pelo estômago."

"A religião, em constante conflito com a ciência, tem na mulher, a alavanca reacionária contra a evolução para feitos mais altos. Cumpre desembaraça-la das peias que a encarceram mentalmente.

Enquanto não souber pensar será instrumento passivo em favor das instituições do passado. E ela própria, inconsequentemente, trabalha pela sua escravidão. E o cativo é tal, que se revolta se outras mulheres querem elevá-la à altura dos seus direitos, clamando contra a violação do pensamento feminino.

Enquanto não pensar, em vão tentaremos quebrar os grilhões para nossa independência individual; a mulher ainda é escrava, depende do salário do homem, de seu capital.

Assim, é impossível a libertação. Seu cérebro foi considerado infantil pelo egoísmo masculino dos ancestrais.

Falta derradeiro lampejo para que a inteligência da mulher patricia se abra a ilimitadas aspirações.

A brasileira ardente, ativa, inteligente, idealista, generosa, num impulso final, por entre relâmpagos da consciência adormecida, perceberá.

E a sua dedicação eloquente completará a obra magnífica.

Faltam-nos escolas.

Faltam-nos educadores na acepção mais ampla da expressão.

Fazê-los nascer deste mesmo povo, eis o que é preciso.

As nossas professoras primárias executam prodígios. Que mais podemos exigir delas? Se não lhes distribuímos alimento espiritual para a excursão portentosa aos picos mais altos da alma infantil, iluminura místicas...” (1)

Percebe-se facilmente, neste trecho da obra da autora, que ela localiza o problema da suposta inferioridade feminina no tipo de educação conferida à mulher, pois esta sempre esteve submetida à tutela da Igreja Católica, além da formação machista ministrada pela família e pela escola.

É possível perceber que Maria Lacerda refletiu e lutou para o fim de uma série de empecilhos ao crescimento feminino. A partir de 1918, quando escreveu seu primeiro livro, passou a denunciar os preconceitos existentes contra a mulher escritora, a prostituta, o problema da solteirona, bem como reivindicar o direito ao amor e ao casamento por livre escolha, à maternidade consciente, o direito à cidadania feminina, o fim da legitimação da inferioridade da mulher na sociedade e sua redução a procriadora.

Evidentemente que Maria Lacerda teve que enfrentar uma sociedade conservadora, onde todos os valores distorcidos acerca da mulher já estavam introjetados. Enquanto viveu em Barbacena, só encontrou naquela sociedade, inspiração para criticar a forma como estavam estruturada e a condição feminina em seu meio.

Hoje, às vésperas do século XXI, as questões presentes no discurso, obra e militância de Maria Lacerda ainda fazem parte do cotidiano de milhares de brasileiras e naturalmente outras mulheres ilustres deram

1- O Corymbo, Rio Grande do Sul, 15 de junho 1922, pag.1

continuidade às questões analisadas por ela. Contudo, temos em Maria Lacerda uma pioneira na luta pela emancipação “completa” da mulher.

Já nas primeiras décadas deste século, antecipou-se e traduziu a obra do argentino Júlio Barcos *Liberdade Sexual das Mulheres*, em 1929.

Na condição de anarquista, Maria Lacerda consegue vislumbrar uma realização total para as mulheres e, neste sentido, ela analisa os diversos empecilhos a esta meta. Contudo, centra seu raciocínio sobre a questão da educação e aponta esta como a grande redentora da mulher, elevando-a, resgatando-a das trevas culturais, profissionais e libertando-a do machismo secular de que tem sido vítima ao longo da história.

Em uma de suas obras mais polêmicas, *A mulher é uma Degenerada*, editada em 1923, no Rio de Janeiro, a autora debate com o psiquiatra e autor do livro *A Epilepsia e as pseudo epilepsias*, Carlos Bombarda. Este autor criou em sua obra um rótulo de “degenerada” para as mulheres.

Maria Lacerda, ao discordar do autor, deixa claro que tipo de ^{feminismo} ~~feminino~~ pratica, onde sua projeção da mulher à um nível mais elevado em nossa sociedade está permeada pelos ideais anarquistas. Vejamos um trecho contido na página 20 de sua obra;

“Considera “ridículo” qualquer esforço em prol da elevação da mulher até o homem. De que elevação se trata? O que se vê hoje é uma mediocridade alarmante por parte do “sexo alto”; nem um vislumbre de mentalidade, coisa alguma que provoque desejo de imitação. Pelo contrário. E se a mentalidade masculina normal, comum, tivesse algo de consciente, certamente a mulher não estaria tão ignorante, tão atrasada pelo lado moral...”

Demais. é muito medíocre o desejo de ser igual ao homem... De reivindicar os seus direitos dentro dessa organização social de escravos e máquinas à serviço da mediocracia e da industrialização. Vamos muito mais longe.”(2)

Neste trecho, podemos perceber que o feminismo de Maria Lacerda é diferente. Almeja emancipação maior que simplesmente ter um salário e uma condição profissional equivalente a do homem. Trata-se de uma elevação da condição feminina, juntamente com uma reestruturação social, onde homens e mulheres, livres da escravidão capitalista, poderiam se libertar de seus preconceitos e limitações e galgarem juntos os degraus da sabedoria e liberdade superiores.

Carlos Bombarda defende que as atividades profissionais e intelectuais (inclusive as feministas) degeneram a mulher, tornando-a estéril, pois esta não estaria preparada para tais prodígios. “Falta-lhe vigor cerebral”. De acordo com o raciocínio do autor, a educação feminina e a emancipação da mulher tanto é uma poderosa força degeneradora como elemento de esterilidade.

2- *A mulher degenerada*, pag.30

Como não poderia deixar de ser, Maria Lacerda constatou que a obra de Bombarda não é de cunho científico e sim machista; uma vez que a esterilidade existiu em todas as épocas históricas, sendo o feminismo advento da contemporaneidade.

Segundo Maria Lacerda “o que faz a mulher estéril é a ânsia de gozo e a luta pela vida, é o luxo e a exibição pelos salões e o comodismo dos homens sem mentalidade e consciência, é o mercantilismo dos contrabandistas de saúde, desses médicos comerciantes e também libertinos, é a ânsia de satisfação material, seja ao preço do assassinio dos próprios filhos indefesos (crime maior do que o assassinio de homens que não podem defender); marido, mulher, médico e enfermeiros cúmplices nesses atentados de todos os instantes”.
(3)

Para Maria Lacerda, desde a pré-história a mulher foi subjugada, domesticada pelo homem, pois este precisava de uma serva, e assim, acostumada apenas aos afazeres domésticos. Sem ter que se preocupar com grandes problemas, seu cérebro se atrofiou.

Seguindo o raciocínio da escritora, ficou extremamente difícil à mulher exercer com a mesma desenvoltura masculina as atividades intelectuais. É necessário que as mulheres despertem para o prazer destas atividades, pois estão viciadas nas atividades procriadoras e domésticas para as quais foram treinadas e acham que assim são felizes.

Maria Lacerda ressalta que grande número de mulheres se dizem felizes porque é mais fácil ser sustentadas; pois descobrir novos horizontes, novas perspectivas é igualmente prazeroso e arriscado. O risco aí implícito é o de que as mulheres que descobrem e preferem decidir todos os detalhes de suas vidas, na maioria das vezes são rejeitadas pelos maridos. Aí terão que se sustentar sozinhas e responder por elas mesmas na sociedade; perderão a muleta, deixarão de ser sombra para ter uma existência real.

Ter uma existência real implica em trabalhar e comprar sua própria sêda e prover os demais recursos materiais à sua sobrevivência, uma vez que a maioria dos homens veem nas mulheres apenas uma procriadora, um objeto sexual; alguém em que eles podem exercitar sua superioridade, uma alma submissa para que ele reproduza no lar as violências que sofre no cotidiano do trabalho. Dentro desta ótica machista, mulheres independentes e cultas não servem; serão abandonadas, na maioria dos casos.

Grande número de mulheres, por nunca terem experimentado as delícias da intelectualidade e da liberdade, ficam num eterno dilema entre ser sustentada ou se sustentar e acabam por optar pelo aconchego do lar, das sedas e bombons e da credibilidade social de ser “sombra” de um homem.

Conforme dizia Maria Lacerda “a mulher foi escrava em todos os tempos, é preciso repetir. Como exigir dos escravos as virtudes e desenvoltura dos homens livres?”. (4)

Mais uma vez, Maria Lacerda aponta a educação como solução deste problema. Segundo ela, homem e mulher não devem se opor, pois são seres complementares; é necessário uma conscientização que só se completará quando o homem for educado para ser pai de família e para os deveres do lar, bem como para ser útil à coletividade. Por outro lado, a mulher deve ser educada para ser esposa e mãe e para colaborar na vida social.

A maioria dos homens preferem as mulheres tipo bibelô, não almejam jamais a intelectualidade para suas “rainhas do lar”. O trecho a seguir refere-se à opinião de Maria Lacerda, sobre este assunto:

“Somos o sexo à parte, nós as intelectuais. Não há dúvidas que os homens nos admiram, nos respeitam, têm por nós consideração especial, mas praticamente, injustamente, para esposas, preferem as melindrosas”.

“Eles não querem a certeza, aceitam gostosamente a dúvida, uma alma feminina deve ser tal qual têm sido decantada pelos poetas e psicólogos baratos: esfinge, enigma. infantilidade, misto de escrava e rainha, que se paga com uma jóia e tem exigências de cortesia.

O homem não está, portanto, em condições de pensar seriamente na educação feminina”. (5)

Conforme já foi dito, Maria Lacerda é uma militante feminista, fundamentada pelas teorias anarquistas. Ela vislumbra um mundo superior para a mulher, sem contudo reconhecer que este mundo só existirá à medida em que o homem e a forma como está estruturada a sociedade se transformarem, aí sim, homens e mulheres serão realmente livres.

Assim se expressa a escritora a este respeito, na obra, *A mulher é uma degenerada*, pag.81:

“Agora, porém, escravizada por ele durante séculos, só o homem superior poderá libertá-la da tutela masculina, procurando elevá-la, pela educação, ao nível donde prouferirá as gerações vindouras.

Mas não nos esqueçamos que a sua emancipação é um cordão da emancipação do homem.

Só noutro regime social. E, depois disso, terá a mulher de lutar muitíssimo ainda contra o autoritarismo do Senhor absoluto, habituado a exigir e ser obedecido...”.

4- *A mulher é uma degenerada*, pag.54

5- *A mulher é uma degenerada*, pag.80

O Posicionamento de Maria Lacerda sobre o amor plural:

Maria Lacerda entende o amor como um sentimento tão puro e superior que não deve ser vinculado à prisão, como o amor único, o ciúme, o egoísmo. Neste sentido, ela se inspira no conhecimento de Han Ryner, o grande filósofo do amor plural, do amor libertário.

Tanto para Maria Lacerda quanto para Han Ryner a fidelidade não está representada em um par de alianças ou na hipocrisia da monogamia e muito menos nas juras perante o juiz ou o padre.

Para eles, a fidelidade está representada na disposição de não mudar o sentimento destinado a alguém, de forma que, mesmo praticando o amor plural, nenhuma das pessoas amadas sofrerá prejuízos quanto aos sentimentos a elas devotados.

“Sou fiel, pois nem um outro amor diminuirá em mim a tua parte”. (6)

É importante definir o que vem a ser o amor plural na concepção destes dois adeptos do amor superior.

O amor plural, na definição de Han Ryner e Maria Lacerda é o amor que se divide com mais de uma pessoa, livre de ciúmes e possessividades, é o amor supremo, capaz de se dividir sem no entanto perder a essência; é o amor verdadeiro, e quem o encontra, encontrou o maior tesouro da vida, pois só para amar existe a vida.

O amor plural não é o amor limitado, mesquinho, preso à convenções sociais; muito menos o amor superficial, só erótico, carnal. O amor plural é o encontro das almas, este encontro proporciona todas as formas de prazer e delícias, inclusive as delícias eróticas; porém estas não são vazias, momentâneas ou vulgares, mas sim superiores e eternas.

Para que haja este envolvimento é necessário não confundir amor e sexualidade. O amor plural busca a identificação espiritual para depois chegar a identificação física.

Se o amor é apenas sexual, a tendência é a posse; porém se o amor é espiritual, a pessoa se regozija se outras pessoas amam a pessoa amada por ela.

6-Han Ryner e o Amor plural, pag.52

A teoria do amor plural parte do princípio anárquico de se respeitar plenamente a individualidade das pessoas, pois o amor não suporta prisão, não pode viver em uma redoma.

“...Mas, o amor grande assim, não pode basear-se no exclusivismo. A sua grandeza é tal; que domina toda a natureza inferior do ser”. (7)

A maternidade consciente e livre

Outra questão abordada por Maria Lacerda em suas obras, é a necessidade da livre escolha para o casamento, caso a pessoa realmente queira se casar; pois o que se vê é uma imposição social que culmina com a violência do pai escolher o marido para a filha.

Esta prática machista de querer casar rapidamente as filhas, inclusive selecionando para elas o melhor marido (entenda-se por melhor, aquele mais capacitado para sustentá-la), está ligada à problemática da educação.

A mulher não é educada para a independência financeira, assim, ela representa despesa para o pai. Portanto, é urgente que ela se case, daí os casamentos de adolescentes.

Maria Lacerda não é grande entusiasta do casamento, porém defende o direito de quem quiser casar-se, escolher livremente. Por outro lado, a escritora defende a maternidade livre e consciente; uma vez que muitas mulheres esclarecidas e independentes não desejam se submeter ao julgo de maridos machistas, mas desejam, com muito prazer serem mães. Para estas mulheres, o melhor seria a maternidade desvinculada do casamento.

Dentro de sua visão ampla sobre a individualidade e a felicidade humana, a autora entende que a humanidade deve buscar ser feliz e fazer o próximo feliz. Assim, como o casamento muitas vezes acaba por ser um compromisso social e às vezes desvinculado da felicidade, não precisa existir, para que haja a maternidade consciente.

Por outro lado, o casamento social se molda muito bem em outro tipo de maternidade; aquela típica do machismo, de homens que cobram a existência de filhos para firmarem sua masculinidade perante a sociedade.

Maria Lacerda defende sobretudo a maternidade consciente, desejada, no casamento ou fora dele se assim desejar a mulher.

7- Han Ryner e o Amor Plural, pag.73

Conclusão

A princípio, vale ressaltar o prazer que tive em fazer esta pesquisa, uma vez que me identifiquei muito com todas as questões tratadas por Maria Lacerda.

Independente de identificações, é sempre prazeroso ler obras de uma pessoa cuja vida foi marcada pela coerência, transparência, retidão de caráter e perseverança.

A conclusão que se chega, é de que Maria Lacerda foi uma mulher cuja mentalidade ultrapassou os limites do tempo em que viveu. Suas idéias e lutas, na maioria das vezes, se referiam a temas de certa forma “proibidos” para as chamadas “pessoas de bem”; e principalmente para as mulheres.

A luta que Maria Lacerda travou com as instituições conservadoras da sociedade em que viveu, é no mínimo enaltecida, pois ainda hoje, muitas pessoas não ousariam dizer o que ela disse.

Maria Lacerda foi uma mulher que viveu em busca da paz e liberdade incondicional; sempre por uma reestruturação da sociedade, para que as pessoas, livres, pudessem finalmente ser felizes, sem no entanto serem opressoras ou oprimidas.

Esta brilhante escritora percebeu que a humanidade não era feliz, à partir do momento em que isso se tornou claro para ela, iniciou sua luta pela procura de uma solução que levasse a humanidade à paz e à felicidade.

O caminho apontado por Maria Lacerda é a sociedade anárquica, sem pátria, sem fronteiras, governantes, leis, Estado, hierarquias religiosas ou quaisquer instituições que se achem no direito de dirigir a vida das pessoas.

A sociedade deveria também estar livre do Imperialismo e do Capitalismo, uma vez que no plano material esta condição leva a desigualdades sociais.

Maria Lacerda foi também uma grande feminista. Contudo, seu feminismo ultrapassava os limites tradicionais dos movimentos ligados à mulher, sobretudo porque ela sempre lutou primeiro pela transformação

social, pela mudança de regime. Só após a mudança do regime social é que a mulher poderia resgatar seu valor na sociedade.

A solução apontada por Maria Lacerda é a educação, porém não nos moldes tradicionais, mas sim uma educação libertária, tanto para homens quanto para as mulheres, mas sobretudo para as mulheres que ao longo da história têm se privado da cultura, em prol de seu papel tradicional na sociedade machista. Conclui-se, portanto, que Maria Lacerda localiza o problema da discriminação da mulher na falta de educação, e, da mesma forma, ela aponta a educação renovada, libertária como a solução para este problema.

Maria Lacerda foi uma militante anarquista de muita expressão. Sem dúvida, podemos inseri-la entre os melhores intelectuais da primeira parte do século XX, sobretudo pela amplitude dos temas por ela tratados, além de sua marcante militância e vida pautada pela coerência em relação à suas idéias.

Por tudo o que foi e fez, Maria Lacerda não teve ainda, o reconhecimento que merece. Tendo morrido no anonimato, eu espero que o reconhecimento venha através de leituras e divulgação de suas obras que nos aponta ótimas diretrizes para os problemas da mulher e da humanidade, que, ainda hoje permanecem atuais.

Referências Bibliográficas:

LEITE, Mírian Moreira Lifchitz. Outra Face do Feminismo: Maria Lacerda de Moura. São Paulo, Editora Ática, 1984.

MOURA, Maria Lacerda de. A Mulher é uma Degenerada. Rio de Janeiro, Editora Civilização Brasileira, 1923.

_____. "Serviço Militar Obrigatório para Mulher? Recuso-me, Denuncio"! In: A Sementeira, São Paulo, 1933.

_____. Han Ryner e o Amor Plural, São Paulo, Editora Gráfica Unitas Ltda, 1933.

_____. Clero e Fascismo, Horda de Embrutecedores, São Paulo, Editorial Paulista, 1936.